

frase

“O Banco Central fica contente, com a queda da inflação. Quem ganha em dólar fica contente. Quem viaja fica feliz. A sensação de riqueza é um pilequinho agradável. Só que o fígado ofendido é o setor produtivo.”



Paulo Francine, diretor de Pesquisa e Estudos Econômicos da Fiesp, ao afirmar que a valorização do real causa mais danos que benefícios ao Brasil.

Câmbio encobre entraves

A polêmica sobre a valorização do real frente ao dólar serve de cortina de fumaça para encobrir os verdadeiros entraves ao crescimento sustentado do país e o que são: o alto nível dos gastos públicos, que obriga o governo federal a manter uma das cargas tributárias mais elevadas dentre todos os países; e a falta de investimentos em infra-estrutura, tanto física quanto social. Essa avaliação é dos economistas Paulo Rabello de Castro e Josué Gomes da Silva, que realizaram um estudo a respeito do câmbio.

Inovação na área ambiental

A preocupação com o meio ambiente hoje faz parte da cultura corporativa. Seja por pressão de ambientalistas, da comunidade, da legislação, seja por necessidade de superar barreiras criadas por países desenvolvidos, atender somente aos parâmetros legais é uma etapa superada para grande parte das empresas. O respeito ao ambiente é tema global, até por questão de custo, conforme diz Arthur Whitaker de Carvalho, diretor do Departamento de Meio Ambiente da Fiesp. Levantamento conjunto do Ministério da Ciência e Tecnologia e da CNI mostra que 33% das maiores indústrias brasileiras inovam e que um terço dessas inovações ocorrem na área ambiental.

Aquecimento global preocupa brasileiro

Pesquisa realizada entre outubro de 2006 e abril deste ano pelo Instituto de Mudanças Ambientais da Universidade de Oxford, na Inglaterra, revela que o Brasil foi o terceiro país onde mais cresceu a preocupação da sociedade com o aquecimento global. Em outubro, apenas 7% dos brasileiros achavam que as mudanças climáticas eram sua principal ou segunda maior preocupação. Em abril, o percentual saltou para 24%. A média mundial teve, no mesmo período, uma variação de 7% a 16%, também elevada. O Brasil só ficou abaixo da Grécia e Canadá. Ao menos nesse requisito, somos um país de Primeiro Mundo.

CPMF é antítese da reforma tributária

Ora em votação no Congresso, a CPMF é um imposto eficiente quanto ao especto fiscalização. Mas é cumulativo, causa distorções na alocação dos recursos e eleva o custo das transações financeiras. Além disso, é praticamente impossível calcular sua parcela no preço final de um produto. Por essas razões é um tributo de má qualidade do ponto de vista econômico e pernicioso para o investimento. Representando 8% da arrecadação federal – R\$ 32 bilhões –, as pressões do governo para prorrogá-lo são fortes. Caso isso venha a acontecer, a renovação da CPMF deve ser por período definido e improrrogável. Essa é a posição do Sistema CNI.